peteleco



no. 1

pet artes visuais

PETeleco. Por meio de jogos de palavras, a revista peteleco no.1 se apresenta, em um novo formato. Aqui tudo começou com o grupo PET ARTES VISUAIS sob tutoria de Gilberto Sarkis Yunes em 1995, na época o peteleco funcionava como um mini jornal, que trazia notícias do curso, convites para eventos e também novidades referentes ao programa PET. Agora, damos continuidade ao projeto seguido da nossa edição comemorativa de 2019, quando o pet artes visuais completou 25 anos de existência, e chegamos ao web-lugar onde tudo e todes se conectam.

Pelas telas brilhosas dos computadores, celulares, televisores, tablets, leitores de pdf e demais transmissores da rede universal de computadores, viemos te dar esse peteleco. Então, se liga! Não deixe sua bateria acabar.

Esta é a Revista Peleteco no.1

peteleco

no. 1

MINHA ÚNICA OPÇÃO É ATRAVESSAR A PONTE - STELA KUBIAKI

BREVE APONTAMENTO SOBRE MEMÓRIA, IMPRESSOS E ISOLAMENTO - KELLY WENDT

FOTOGRAFIAS DENTRO DE CASA - CURADORIA GABRIELA CUNHA

CONHEÇA UM ARTISTA: TATI DUARTE E THIAGO RODEGHIERO

COLUNA RECOMENDA: PODCAST'S, FILMES E LIVROS



minha única opção é atravessar a ponte

stela kubiaki

A artista visual, ex-petiana do grupo PET Artes Visuas, Stela Kubiaki atualmente vive na cidade de Porto em Portugal, aqui ela nos conta um pouco de sua experiência na quarentena, na qual se estabeleceu no segundo mês vivendo na cidade.



fotografias realizadas pela artista durante o período de isolamento ●

Dia 04 de Maio fez 3 meses da minha chegada ao Porto. Nesse mesmo dia, pude novamente sair de casa. Num momento tão reflexivo para todos, confrontei uma solidão muito diferente. Percebi que desses 3 meses, 2 estive em isolamento absoluto.

Precisei contar minha história para mim mesma, através de textos e fotos, tentando lembrar como cheguei e quais os motivos me trouxeram aqui. Nos últimos dias percebi que havia perdido completamente as referências. Foram 63 dias de quarentena, coincidindo com a quaresma. Penso que vivi os 40 dias no deserto, sendo constantemente confrontada pelas provocações da mente.

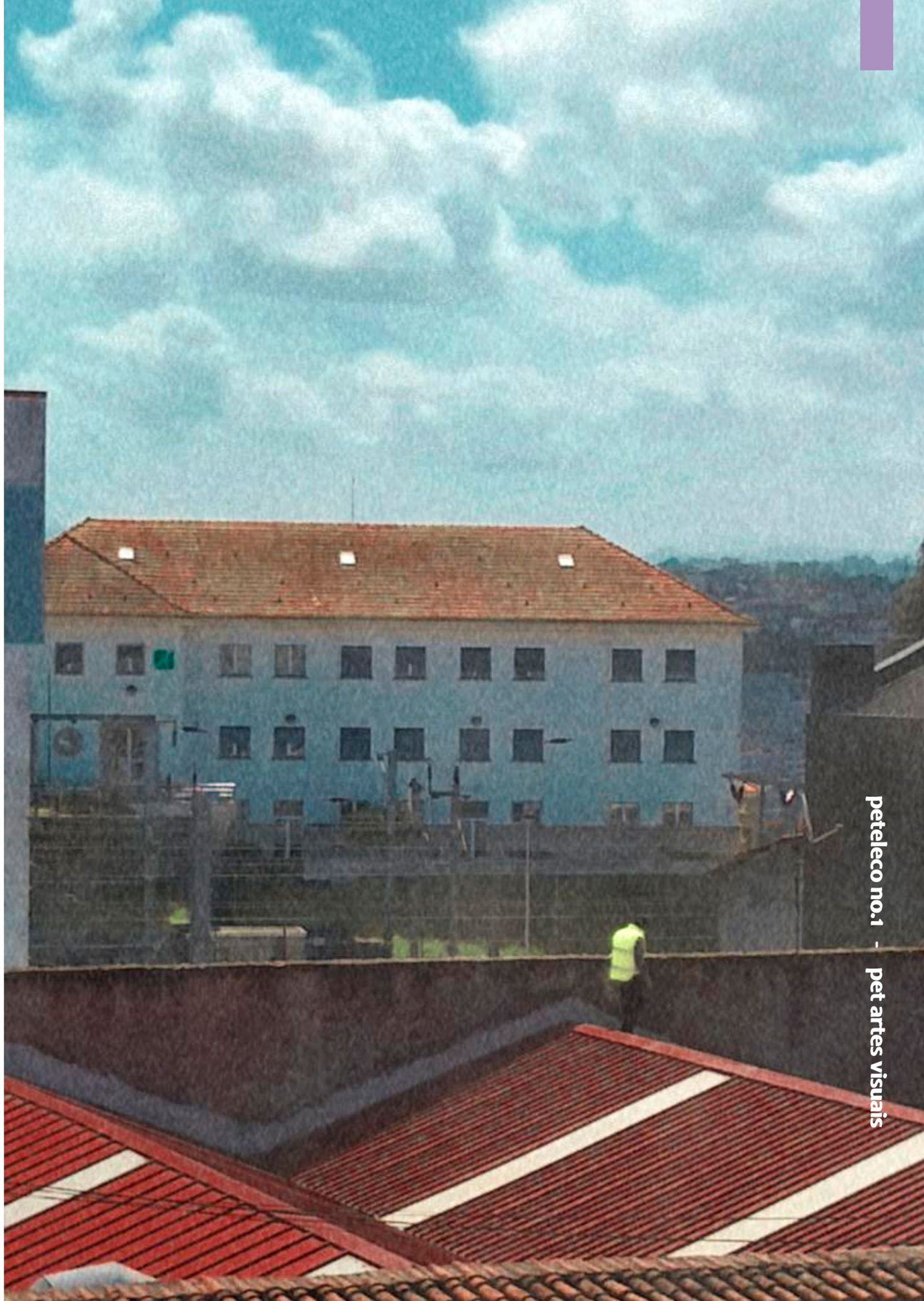


Vim para estudar e acabei desistindo da mobilidade. Não há como ter aulas práticas à distância. No entanto, descobri novas dimensões para o meu trabalho. Comecei o processo de contar para os outros – colegas da casa – sobre mim, sobre arte, sobre pensamentos. Acredito mais do que nunca, que sobrevivi em função da arte, uma arte completamente descomprometida com sistemas.

Vivi dia após dia com a certeza absoluta de que este momento dividiria a minha vida em um antes e depois, sendo quase um motivo de sorte. Não há engano que justifique atravessar o mar e enfrentar uma pandemia global sem qualquer rosto conhecido. Só me restou contar minha história.

Escrevi para não esquecer, fotografei para ter certeza da realidade. Dei valor a cada segundo.

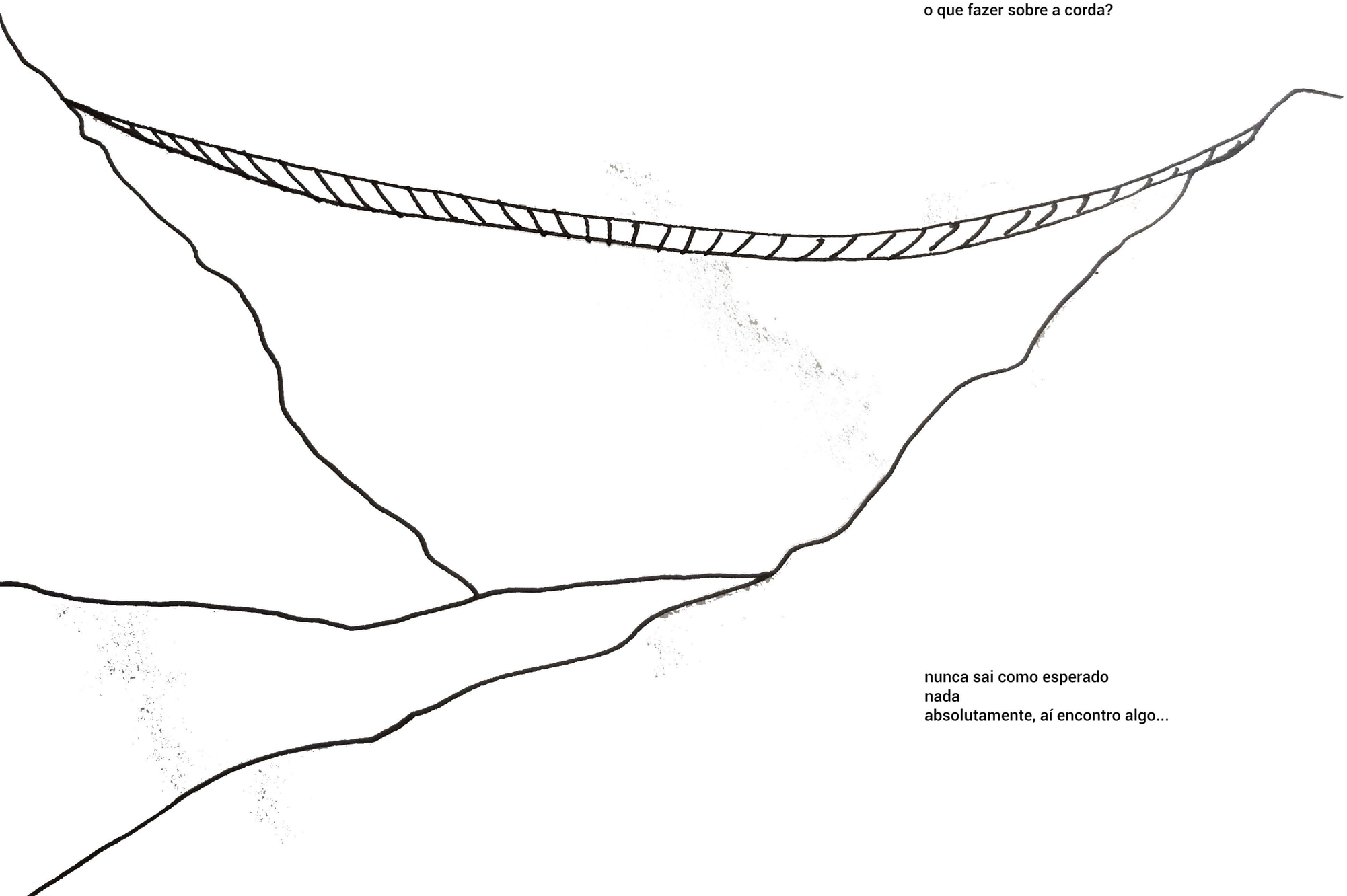




peteleco no.1 - pet artes visuais

porto 08 de março de 2020

minha única opção é atravessar
a ponte
entre a estagnação e a criação
o que fazer sobre a corda?



nunca sai como esperado
nada
absolutamente, aí encontro algo...

breve apontamento sobre memória, impressos e isolamento

kelly wendt



Colecionadores são pessoas de instinto prático; quando conquistam uma cidade desconhecida, sua experiência lhes mostra que a menor loja de antiguidades pode significar uma fortaleza, a mais remota papelaria um ponto chave. Quantas cidades não se revelam para mim nas caminhadas que fiz na conquistas de livros!(...) Não são pensamentos; são imagens. Lembranças. Lembranças das cidades nas quais achei tanta coisa: Riga. Nápoles. Munique. Danzine. (...) lembranças dos recintos onde esses livros ficavam, da minha toca de estudante em Munique, do meu quarto em Berna, da solidão de Isetwald às margens do lago de Brienz, e por fim meu quarto de criança, donde se originaram apenas quatro ou cinco dos milhares de livros que começam a se empilhar ao meu redor. Bem aventurado o colecionador! (...)Pois dentro dele se domiciliaram espíritos ou geniozinhos que fazem com que para o colecionador (...) a posse seja a mais íntima relação que se pode ter com as coisas: não que elas estejam viva dentro dele; é ele que vive dentro delas.

(BENJAMIN, 2011, p.218)



Inventários de Impressos e caderno de viagem, 2020

Sempre produzi inventários em meu percurso poético, reunido pequenas coleções distintas, materiais com pouco valor que me atraiam, bulas, caixas, folders, durante as viagens principalmente, tickets, mapas (sempre fui apaixonada, aqueles de lista telefônica também) inúmeros superfícies que têm em comum o papel impresso. Depois de algum tempo, formada em gravura, percebi que meu fascínio sempre foi a tinta/imagem nas superfícies móveis. Elas carregam as informações e podem ser transportadas dentro do bolso, além de muitas vezes aguçar os olhos.

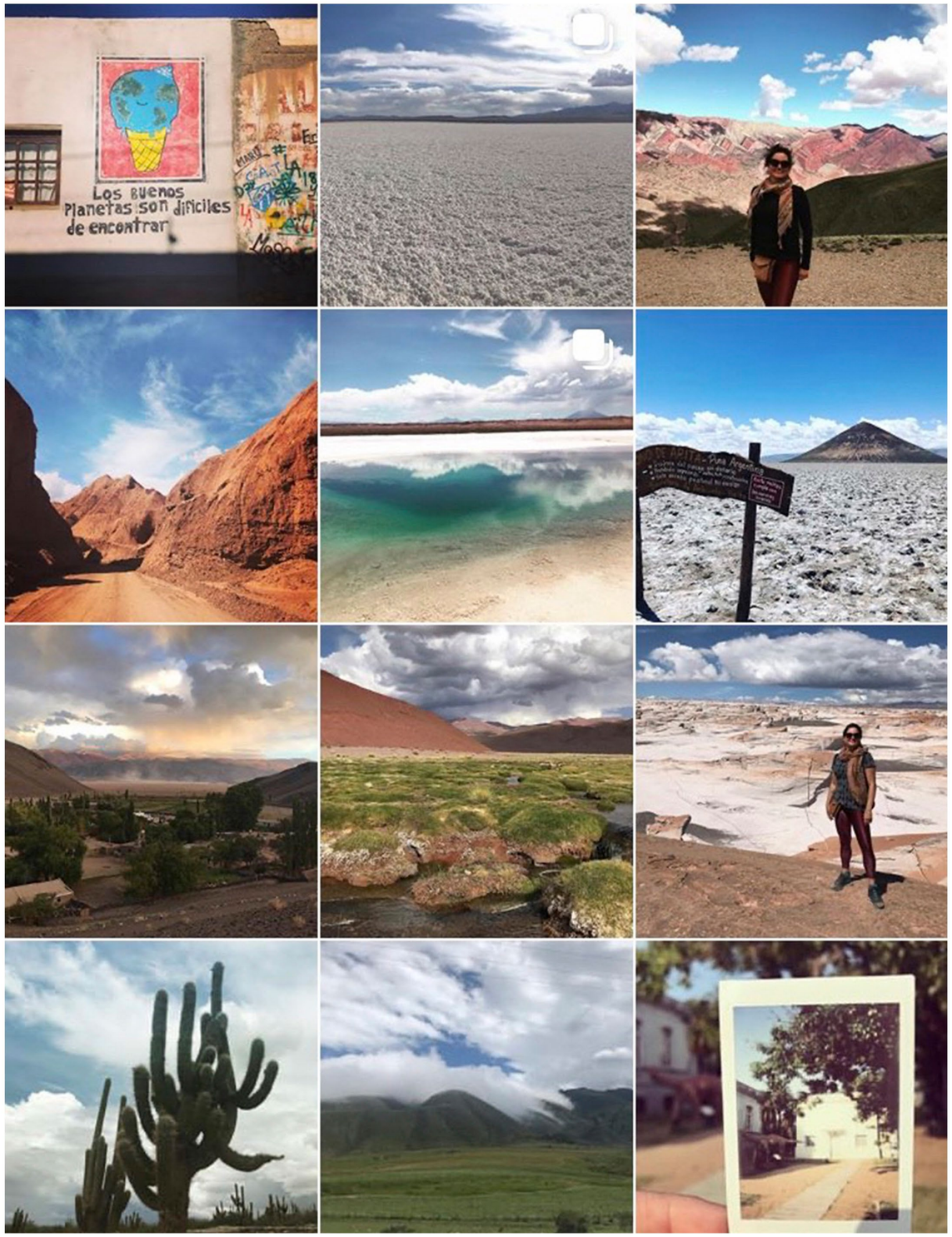
Um inventário é um meio de organização do colecionador que no contexto artístico pode apresentar-se de diversas maneiras. Em meu trabalho poético reúno inventários de percursos pela cidade, de encontros com espaços que permitem voltar-me novamente ao ato de colecionar. Neles é evidenciando a experiência do encontro, coleções de impressões, objetos, desenhos, cadernos de viagens e imagens que materializam minha memória. Colecionar é promover lembranças e afetos, para além de papéis e objetos, é reunir compulsivamente apreços, um ato pessoal e imagético associado às experiências vividas. Ao conhecer e reconhecer lugares é perceptível: mesmo depois quando não estou mais neles, o espaço está em mim.

Penso num inventário de impressões, talvez isso é o que me motive em meu trabalho, explorando uma memória individual e coletiva. Cada lugar que visito, principalmente durante as viagens que realizo, coleto uma infinidade de papéis que normalmente na hora de fechar a mala tenho que fazer escolhas para poder seguir a viagem, ou seja não consigo carregar em meus deslocamentos todos os afetos de impressos. Papéis impressos, maravilhosas superfícies móveis carregadas de tinta e de informação, mapas impressos são meus prediletos, tenho uma vasta coleção!

Gosto de explorar em minha poética os dois sentidos na palavra impressão, a ambiguidade no entendimento, uma ideia de obter imagem por meio de atividade impressa, e outra que, traz sentido da sensação, da impressão que o espaço me causa. Isso permite dizer que as impressões reproduzem, em suportes diferenciados imagens relacionadas à percepção de quem observa. A impressão gráfica como meio de reproduzir impressões, busca a ideia de disseminação e compartilhamento de conteúdos por meio da reprodução da experiência espacial.

No sentido material, Didi-Huberman na publicação L'empreinte, disserta sobre a impressão como representação e o seu processo como testemunho de poder, pois centraliza e dissemina convicções, certezas. A transmissão da imagem da matriz, reproduzida e difundida, agrega poder à imagem através do contato com um único faz-se vários. A imagem ao ser multiplicada é difundida e interpretada ao infinito. O sentido dessa imagem vai além da própria imagem. Assim, existe a impressão sobre a semelhança por contato e sobre a semelhança por vestígio, o que está para além do contato. A palavra impressão tem como natureza o culto, a imagem multiplicada porque é intensamente adorada. A imagem e seu vestígio contém o paradigma da impressão: duplicar, disseminar e reaproximar gerando prazer do toque e da troca.

Registro de Mapaginário Impasse de lá Fidélité- Brussels em Bruxelas, 2019

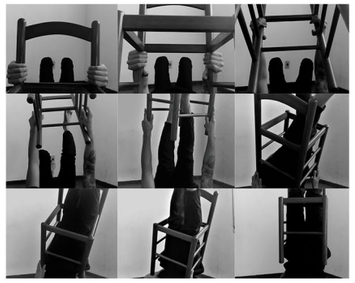


Inventário de fotografias no app Instagram, 2020

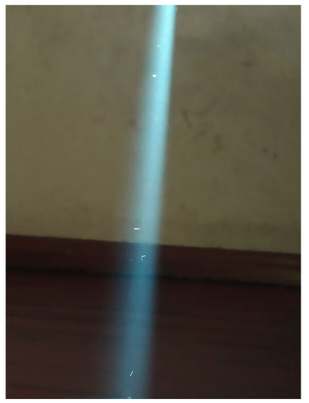
Para tanto, me interessa pensar a poética relacionada com distintos dispositivos para compartilhar e apresentar inventários, as reproduções para pensar a impressão e o processo criativo no contexto da arte, buscando o estranhamento ao espectador quanto ao objeto da arte. Um manual, um guia, um álbum, vem de diferentes contextos que não o da arte, mas, seu uso na arte provoca a ação do espectador e desmistifica o objeto artístico, busca pensar o espaço coletivo, como o das cidades, por exemplo.

Enfim, para mim o múltiplo é muito poderoso, meu deslumbramento por impressos: mapas, fotos, papéis de tickets, é também pela memória materializada da experiência. As imagens memorizadas já são construções imagéticas, sonhos reais. Em casa, a evocação da memória entre os inventários permite um retorno à experiência, ou uma nova experiência em imagens inconscientes, como um relâmpago, reunindo lugares que me imaginei, que estive e que fui feliz, imagens que virão em minha cabeça após ver cada papel impresso, a memória involuntária tecida de lembranças, fusões de uma recordação biográfica e social, fazendo um caminho para frente e outro para trás. Rememorar é uma viagem para dentro de si, é viajar em isolamento..

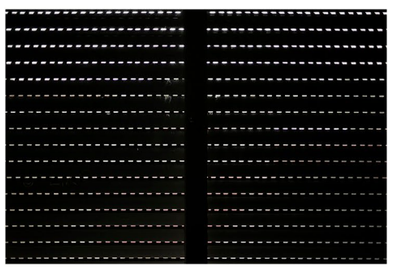
Bibliografia:
BENJAMIN, Walter. Rua de Mão Única. Obras Escolhidas II. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987/2011.
DIDI- HUBERMAM, Geoges. L'Empreinte. Centre Geoges Pompidou, Paris, 1997.

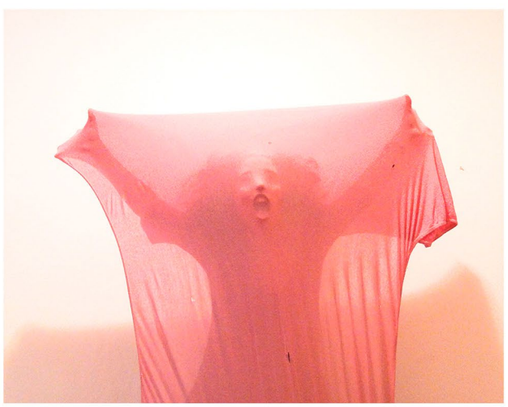













fotografias dentro de casa

curadoria gabriela cunha



a luz / tati müller / @tatianimuller

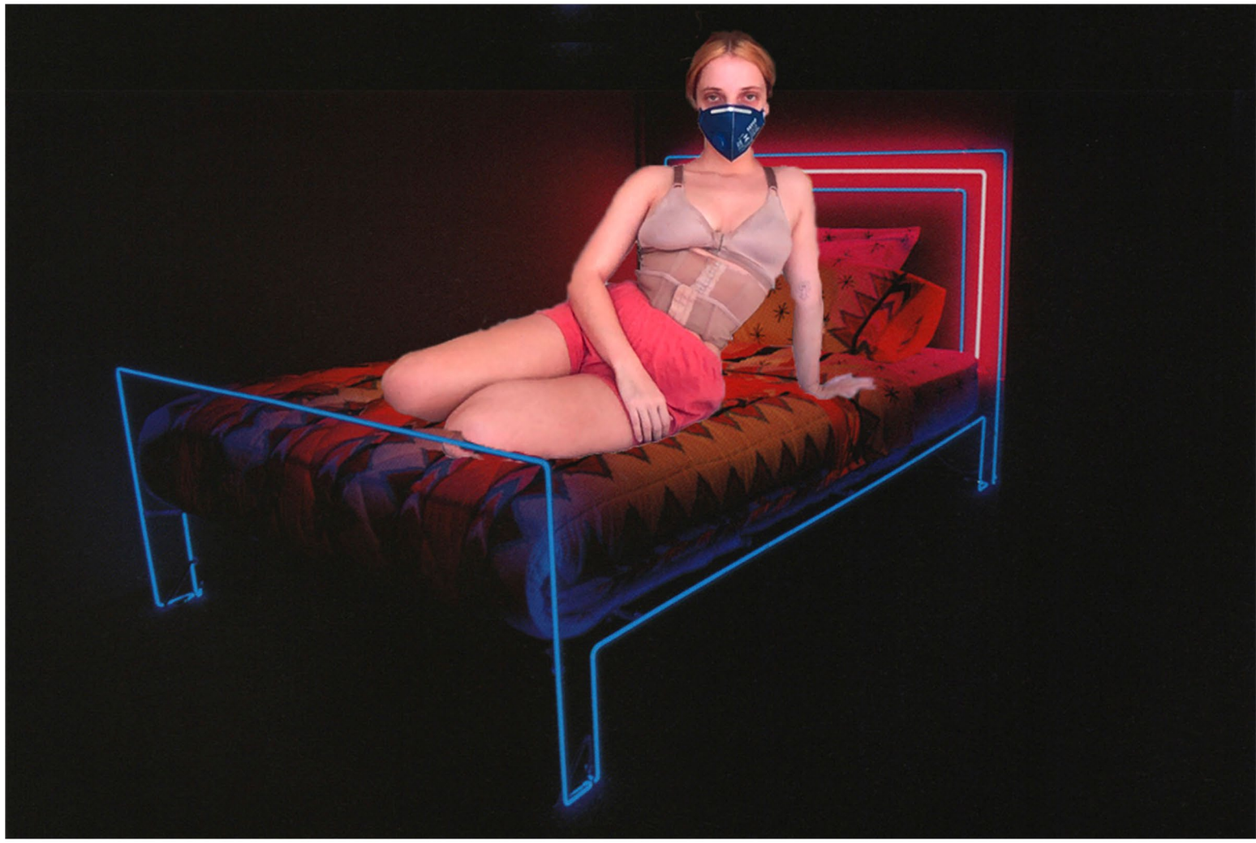


em vão / julia pema

A casa, que se desdobra também em ateliê em tempos de quarentena, resiste ao tempo e às intempéries, abrigando seus moradores como uma grande mãe. Aqui dentro, tenho pensado muito sobre meu próprio espaço interno e sobre as minhas formas de habitar casa e corpo. As tarefas domésticas me ensinam constantemente sobre a lição que considero mais importante de todas: a presença. Minhas melhores ideias são encontradas ao organizar uma gaveta.

julia pema

estou virando algo que não sei / olívia godoy collares / @contagi.ar



ciborgue / ana paula alice da cunha / @anaalic333







A distopia está presente, mas é tão absurda que não conseguimos acreditar. O autorretrato ressignifica o próprio corpo e o movimento, associando-se ao desejo de deslocamento da experiência num mundo físico e não-físico. <entre o vazio da linguagem e a violência do corpo>

ana paula alice da cunha



sus-piro / virna bemvenuto / @virnabemvenuto

Dentro de casa sobre a pele, dentro do corpo sob a pele. Entre o que se revela e o que se esconde, cada gesto é suspiro, sussurro, berro, instante.

virna bemvenuto



na era venenosa / jéssica porciuncula / @jessicaporciuncula.br

sem título / majuí tavares / @___majui

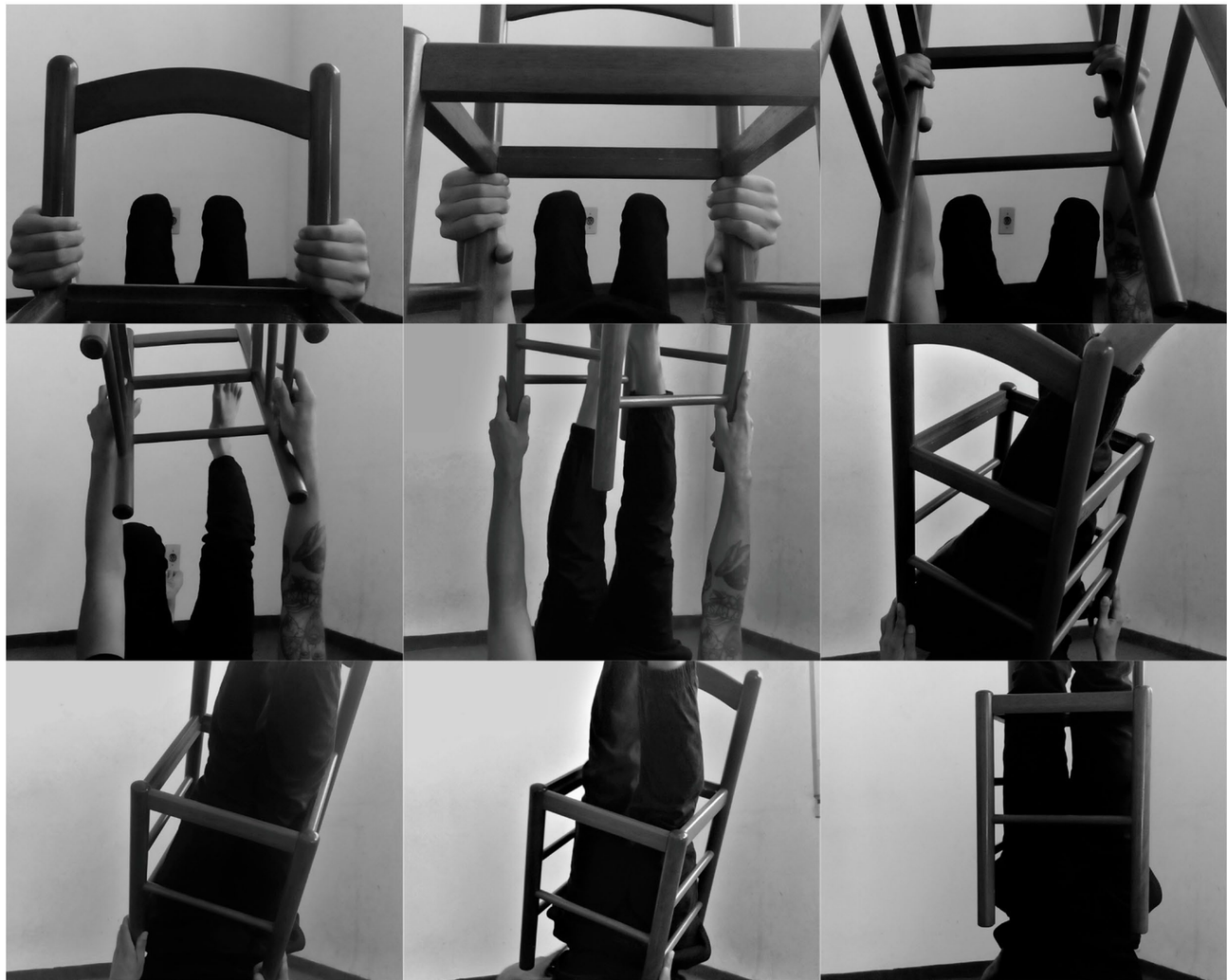
futuros / ário gonçalves / @ario_goncalves



criança não para / eduardo silveira de menezes / @eduardo_silveira_de_menezes

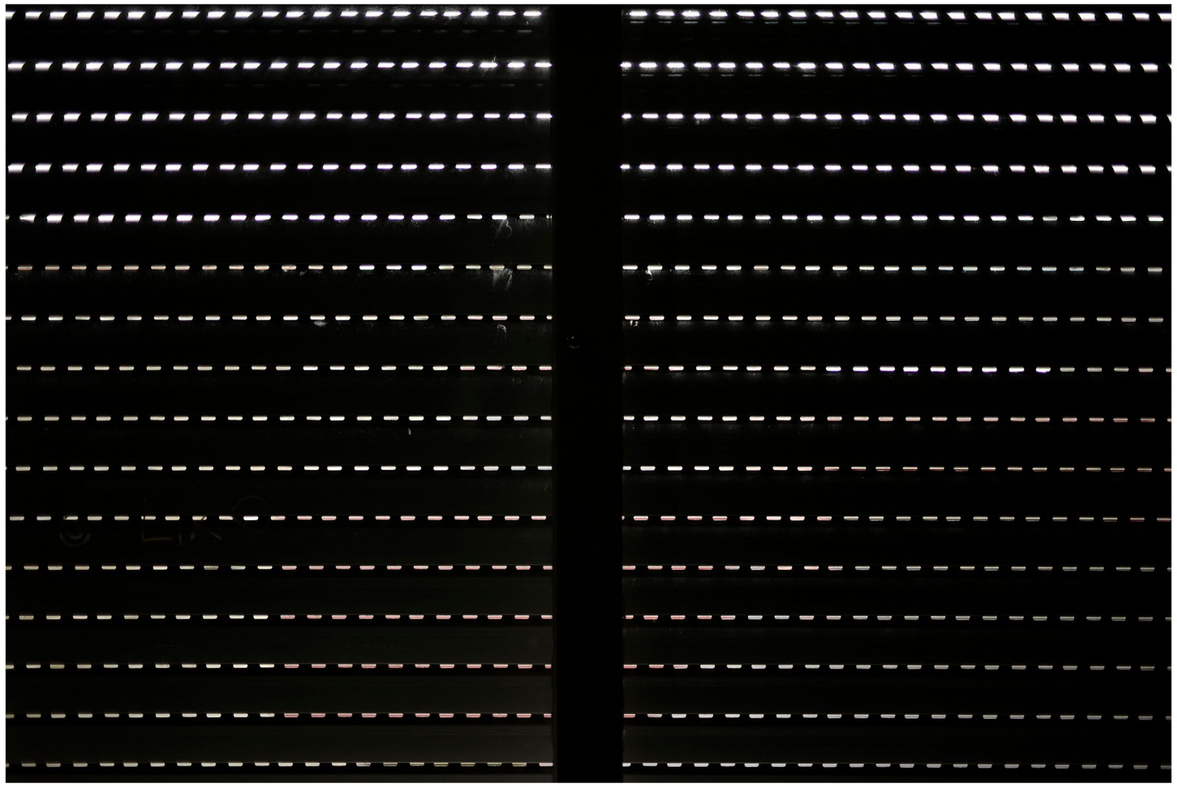


sem título / rogger bandeira / @roggerbandeira



a descoberta do simples / joão victor ribeiro de jesus / @jaumbalaum





paisagem de espera, / gabriel bicho / site: www.gabrielbicho.com

a espera não é um estado de presença, e sim um lugar de observação; a suspensão social do presente alimenta um futuro transgressor,

gabriel bicho

conheça um artista

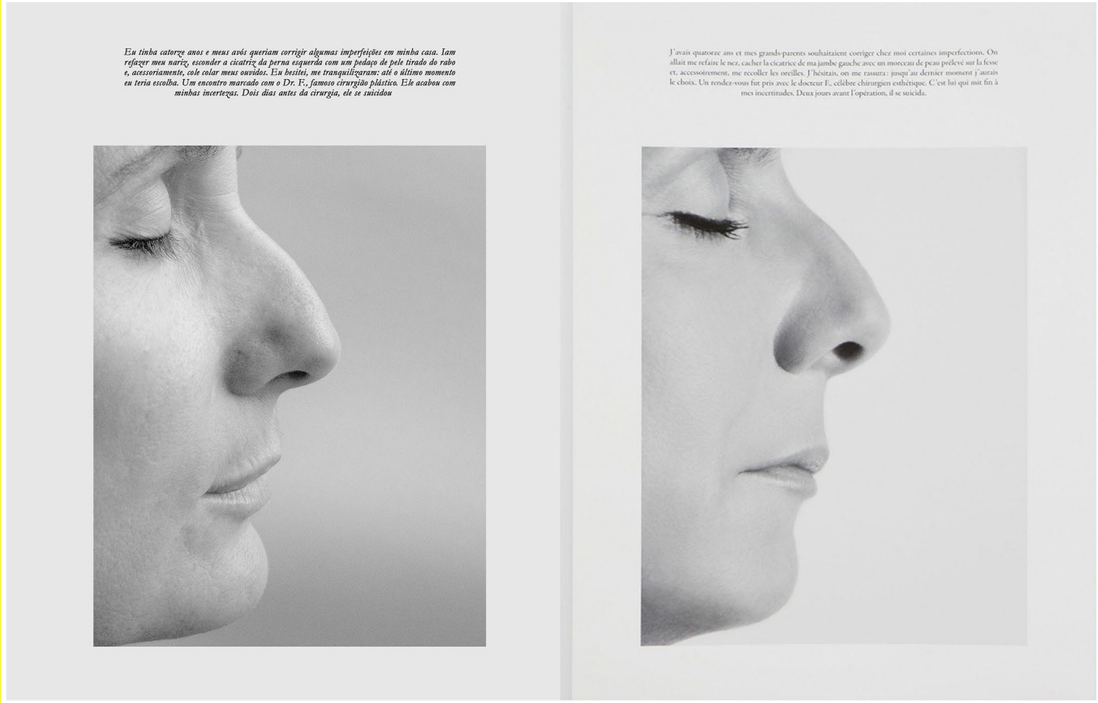
tati duarte

&

thiago rodeghiero

CONHEÇA UM ARTISTA.

Tati Duarte e Thiago Rodeghiero são artistas visuais que vivem e trabalham em Pelotas, Rio Grande do Sul. Na atual situação que se encontra o mundo, devido ao COVID-19, procuramos meios para continuarmos o processo artístico - muitas vezes longe dos ateliês - ressignificamos nós mesmos, nossos dias e nossas casas. Nesse sentido, Tati e Thiago trazem a série Performance e Releituras em Tempos de Pandemia procurando novos olhares dentro de obras já existentes, desde Goya a Anitta Mafaldi.



● *sophie calle - o nariz (le nez)*

tati duarte

bio

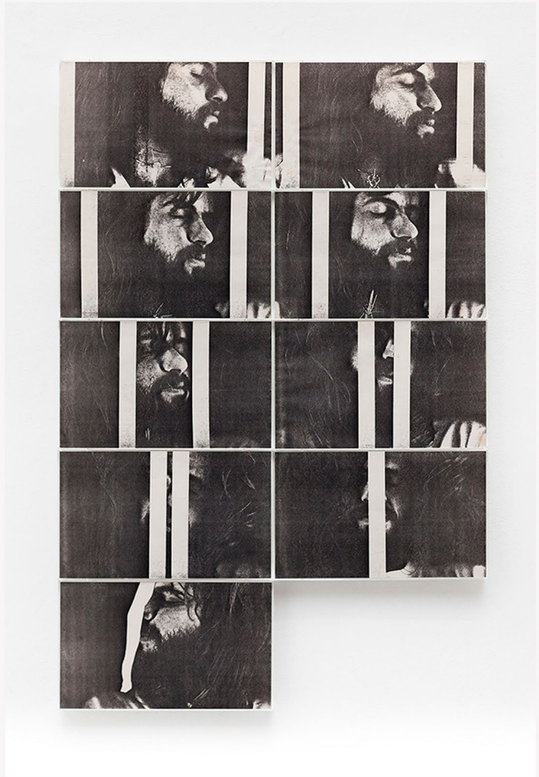
Mestre em artes visuais pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pelotas na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano (2017-2019), graduada em Teatro Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas (2009-2014). Atualmente é participante do Grupo de Pesquisa Grupo Deslocamentos Observâncias e Cartografias Contemporâneas - DESLOCC sob Orientação - Eduarda Azevedo Gonçalves.





gertrude abercrombre - três gatos





● *mario ramiro - prisoneiro do plano*

thiago rodeghiero

bio

Thiago Rodeghiero é artista visual, videomaker e designer. Tem graduação em Artes Visuais e mestrado em Educação, desenvolvendo sua pesquisa nas fronteiras híbridas da arte, educação, cinema e filosofia. Desde de 2010 compõe o colegiado de cinema da Universidade Federal de Pelotas como técnico em edição de imagens. Coordena o projeto de pesquisa Subjetividade e diferença: agenciamentos artísticos, audiovisuais e filosóficos.

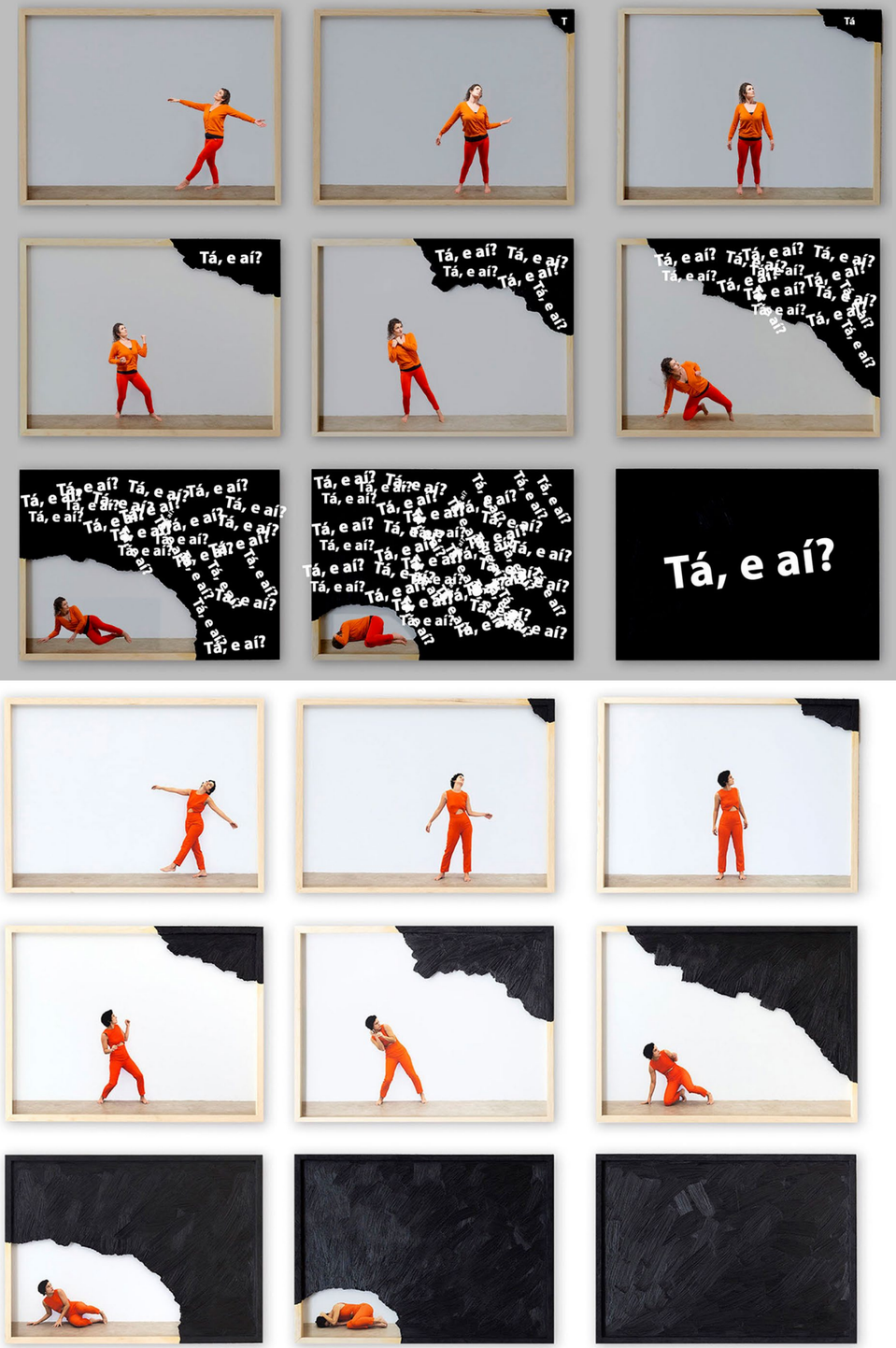




rachel baes - interior com cadeira

“coloco como pesquisas os gestos, as fotografias e os contextos dos artistas escolhidos para serem experimentados pelo corpo ao longo do processo. ”

tati duarte



celina portella - fotonovela da repressão

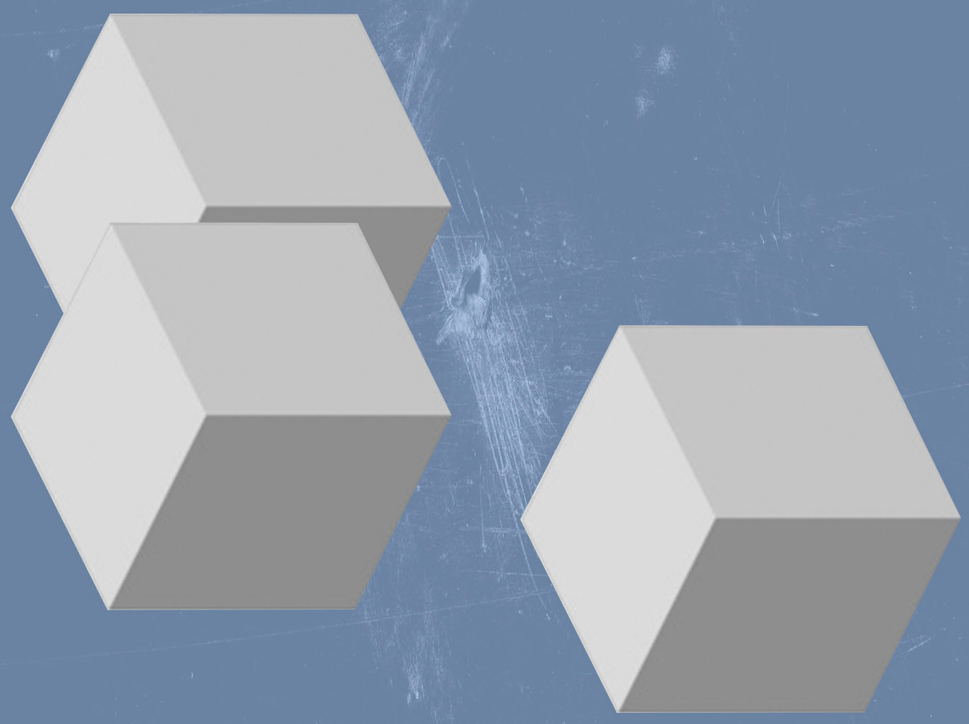
”A casa, durante o período de pandemia fica saturada: claustrofóbica. Inventar um lugar é dar novos contornos e tons ao habitat.”

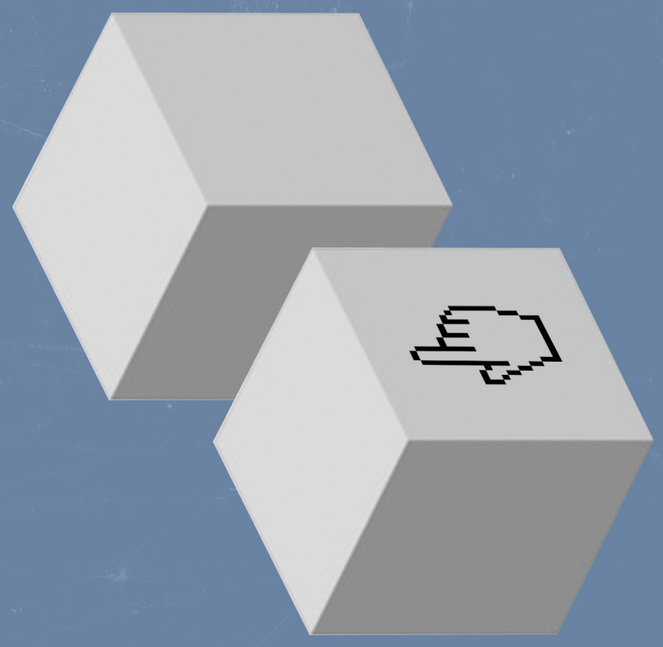
thiago rodeghiero



paulo bruscky - performance expressão alinhavada

.podcast's
.filmes
.livros







.recomendações

Maria vai com as outras é um podcast/programa quinzenal de entrevistas com mulheres falando sobre o ser mulher no trabalho, na família, na política e na vida.

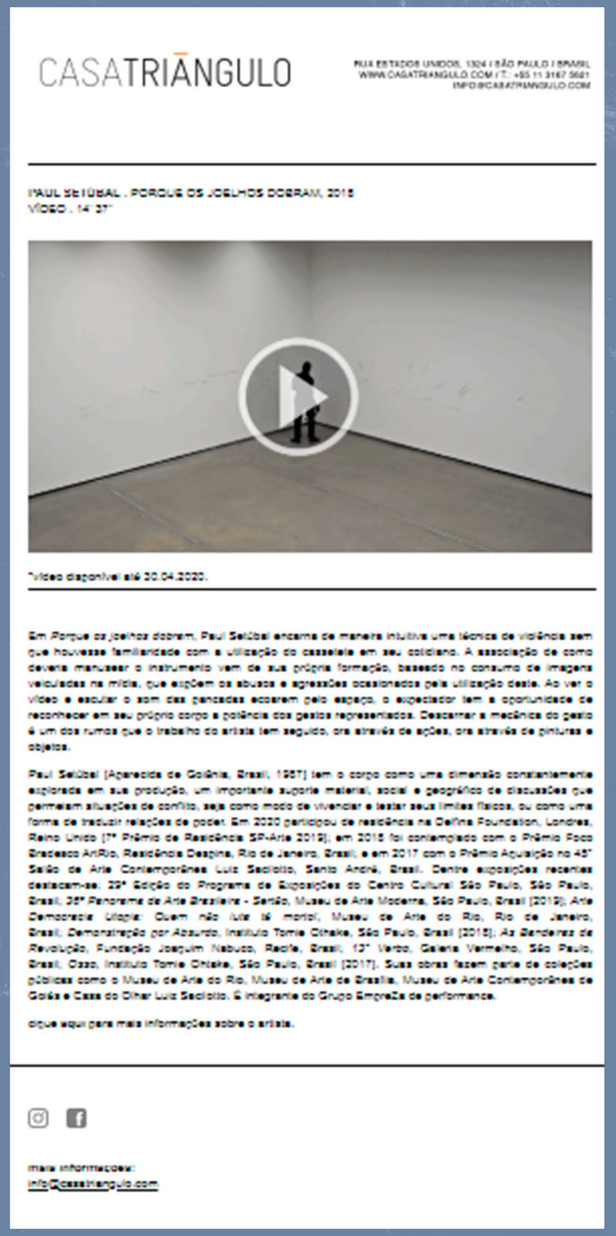


PODCAST, DISPONIVEL NO SITE DA PIAUÍ E EM OUTROS CANAIS COMO SPOTIFY, E APP PODCAST VIA IOS.

PODCAST, DISPONIVEL NO SITE DO ITAU CULTURAL E EM OUTROS CANAIS COMO SPOTIFY, E APP PODCAST VIA IOS.



O *Escritores-Leitores* trata da relação de escritores com seus personagens – como leitor e na função de criador. No papel de leitor, eles contam quais são seus personagens preferidos. Como autores, revelam como criam os personagens de sua literatura.



A newsletter envia semanalmente um trabalho de arte e um pequeno texto sobre os artistas representados pela galeria Triângulo. Os trabalhos, geralmente em vídeo, ficam disponíveis por tempo determinado e logo saem do ar.

NEWLETTER, INSCRIÇÃO PARA RECEBIMENTO ATRAVÉS DO SITE DA CASA TRIÂNGULO.

"O titã Charles Gavin apresenta os bastidores de álbuns que se tornaram clássicos da MPB. Os depoimentos dos artistas e personalidades do cenário musical revelam o processo criativo de cada obra." O SOM DO VINIL



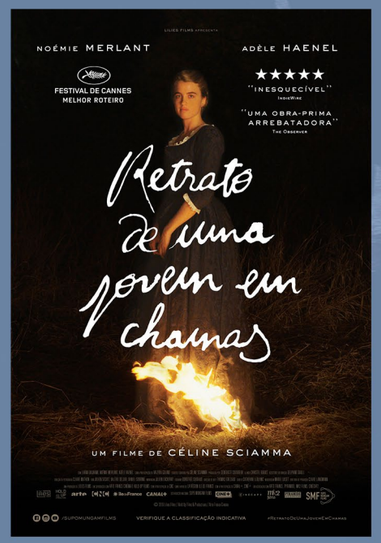
PODCAST, DISPONIVEL NO SITE DO CANAL BRASIL E EM OUTROS CANAIS COMO SPOTIFY, E APP PODCAST VIA IOS.

PODCAST, DISPONIVEL NO SITE DO MEDIUM E EM OUTROS CANAIS COMO SPOTIFY, E APP PODCAST VIA IOS.



"olar, nós somos o GRIFA PODCAST! Nosso objetivo é ler e debater teoria feminista de uma maneira acessível, pra tirar da estante os conceitos que nos guiam nesse caminho de luta e militância ativa, especialmente num cenário como o que estamos vivendo hoje." GRIFA





"Retrato de uma jovem em chamas (2019) conta a história de uma jovem artista no final do século XVJIII, que é obrigada a pintar um retrato de uma noiva." IAMDB

FILME, DISPONÍVEL NO SITE CULTURASEMLEGENDA.ORG

editorial:
Rafaela Ribeiro
Gabriela Costa
Gabriela Cunha
Daniel Higa
Vanessa Dias

design e diagramação:
Daniel Higa

realização:
PET ARTES VISUAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
JUNHO 2020

